

históricas. Koseritz, que viera ao Rio, anotaria o caso: “O *Corsário*, o pasquim que aqui representou um papel não destituído de importância, não mais existe. Ele foi bastante inábil para atacar de maneira afrontosa alguns oficiais do 1º Regimento de Cavalaria e a consequência imediata foi que alguns 20 oficiais do mesmo regimento invadiram e depredaram as oficinas. O proprietário teve que fugir, e está até hoje escondido, pois a sua vida está seriamente ameaçada”. Informando, com data posterior: “Apenas o carro se afastara vinte passos da polícia que os homens acima referidos o cercaram e apesar da tentativa de defesa do oficial (capitão Ávila), arrancam dele o mulato e o assassinaram com sete facadas e dois tiros de revólver. O oficial foi também levemente ferido. A polícia interveio mas encontrou somente o capitão Ávila e o cadáver, pois os assassinos tinham se evadido. Tudo fora questão de um momento. O morto se chamava Apulcro de Castro e era proprietário e redator do famoso *Corsário*, este pasquim que desde há muito servia o Rio de Janeiro como repositório de escândalos. Foi o último ato desta história escandalosa, terminada tragicamente”<sup>(152)</sup>. O atentado, segundo Koseritz, não provocou protestos: “Somente a *Folha Nova* arriscou alguns comentários pouco seguros e as suas oficinas tiveram que ser guardadas pela polícia durante as duas últimas noites”.

O clima político, que se vinha tornando progressivamente cálido, desde que findara a guerra com o Paraguai, era pontilhado de incidentes. Em 1883, era o assassinio de Apulcro de Castro, que não pode ser encarado sem considerar a turbulência da época. Mesmo movimentos de massa ocorreram como, em 1880, a revolta da população contra o imposto do vintém. Determinado o aumento das passagens, no transporte urbano, a *Gazeta de Notícias*, com outros jornais, combateu-o calorosamente. Lopes Trovão, em suas colunas, clamaria: “Só por meio de uma revolução, o povo conseguirá chamar o poder ao cumprimento dos seus deveres”. Mesmo O *Cruzeiro*, de hábitos sisudos, participou da campanha. O povo movimentou-se, surgiram manifestações de protesto, estas ocasionaram as ações: veículos foram tombados e incendiados, trilhos arrancados, a cidade se transformou num campo de batalha. O governo não teve meias medidas, lançou a tropa na rua: o povo foi espaldeirado e espingardeado, houve mortes, os feridos foram numerosos. Fiel aos seus interesses, o *Jornal do Comércio*, voz solitária em meio ao coro de protesto da imprensa, escreveu simplesmente isto: “A repressão pela força era uma necessidade imposta pelas circunstâncias e impossível é evitar os tristes resultados do emprego

(152) Carl von Koseritz: *Imagens do Brasil*, S. Paulo, 1943, págs. 233/234 e 239.